

O que conta quando se conta um caso?

(revisitando a crise do relato de caso clínico)

Marcus André Vieira

Referência

Vieira, M. A. O que conta quando se conta um caso? *Correio: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, n. 97, 2026.

I

O que faz de um relato de atendimento um caso clínico, ou melhor, um relato psicanalítico de caso? E. Laurent, em texto fundamental sobre o tema, propõe a seguinte resposta: Um caso é aquele que “testemunha a incidência lógica de um dizer no dispositivo do tratamento” analítico.¹

Podemos encontrar no mesmo texto outra definição, análoga à primeira que avança na delimitação do dizer em questão. Um caso é o relato cuja “construção formal gira em torno de um impossível”, uma singularidade opaca ao sentido, impossível de ser posta em ditos, mas que ainda assim se diz.

Como se vê, o coração do relato varia em torno da opacidade de um gozo singular, real. Minha interrogação não se dirige a esse ponto, mas ao modo de transmissão de sua incidência que, na fórmula de Laurent, é condensado pelo termo *testemunha*.

Vale lembrar que Laurent usa o termo *témoigne*, que não se situa, em francês, apenas no campo do testemunho. A afirmação poderia igualmente ser traduzida como: um caso é aquele que *atesta/evidencia* a incidência lógica de um dizer.

Como um relato atestaria ou testemunharia o acontecimento de um dizer na análise e na vida?

II

Proponho interrogar, portanto, as formas de construção lógica e de redação do relato de caso clínico. Para isso, vamos situá-lo a partir de um ponto de vista específico, segundo o qual qualquer texto encontra seu fundamento: o ponto de vista do leitor. É o que propõe Laurent quando associa a cada época uma forma literária mais adequada à exposição de um acontecimento de nossa clínica. Dito de outro modo: mudam os leitores, muda o método de exposição.

Uma vez que o romance e a novela - modelos, segundo Laurent, para os casos de Freud -, parecem ter perdido em nossos dias seus efeitos de fascínio, vale investigar se, com isso, teriam perdido sua capacidade de transmissão do real de uma análise. Haveria, então, alguma forma literária mais condizente com o relato de caso que permita a seus leitores acompanhar o encontro com um dizer que reconfigura o campo dos ditos?

Não faltarão sociólogos para demonstrar como o tempo de leitura e atenção caiu radicalmente em nossos dias. Não faltarão igualmente analistas para descrever, nos termos de Lacan, o fenômeno. Tomarei como ponto de partida o diagnóstico de J. A. Miller quanto à apresentação do real. Segundo ele, o real no século XXI já não é mais o mesmo, divorciou-se da natureza.² Alguma forma de escrita, em termos de relatos clínicos, acompanharia esta mudança?

III

Será preciso recolocar a questão nos termos de uma análise. Seguindo a duplicidade da fórmula de Miller, podemos interrogar como o real se apresenta em nossa prática caso estejamos no âmbito do *casamento* entre real e natureza ou em seu *divórcio*.

Nos “agrupamentos humanos” em que real e natureza convergiam, sustentava-se a ficção de uma natureza firmemente ordenada. Era possível supor alguma harmonia no universo, ao menos alguma previsibilidade homeostática.³

Nestas condições, quando nada além de um regramento universal pode ser imaginado, o que excede a este regramento é sempre *ruptura*. Dito de outra forma, quando o imaginário das ficções vela a face de surpresa e acaso do real este só pode aparecer como ruptura, traumática, da ordem pré-estabelecida.

Ora, o método freudiano produz-se originalmente a partir de uma experiência de ruptura e de trauma em existência tipicamente vivida como ficção ordenada. Lacan o demonstra, por exemplo em seu comentário do *Elixir do Diabo* de Hoffmann. A experiência de leitura desta novela se daria de modo análogo ao que se passa numa análise em que um real se transmite como estranheza e surpresa, transtornando a configuração subjetiva inicial.

Quanto ao que nos interessa, o essencial é a insistência de Lacan de que o encontro com a estranheza só é possível caso se mergulhe no relato. Segundo ele, “nos meandros do texto, nos perdemos”, tocando a experiência por meio da qual, em seus termos da época “o sujeito acede a seu desejo unicamente ao preço de se substituir a seus próprios duplos”. O real de um dizer se apresenta desde que o sujeito possa percorrer os vários personagens de seu teatro pessoal, quando estes “duplos” são atravessados. Para atingir o objeto de uma análise é preciso o mergulho na ficção.⁴ Valerá o mesmo para nossos relatos de caso e seu estilo ficcional, que tenderão a seguir esta estrutura.

IV

Miller, aborda os perigos deste tipo de relato a partir da relação causa e efeito. São “construções lógicas sob transferência” que “sob influência do século XX”, tendem a se estruturar no regime desta relação, segundo a qual aquilo que perturba pode sempre ser tratado uma vez encontrada a causa. Ora, “na psicanálise, como Lacan nos convida a praticá-la, experimentamos a ruptura da relação de causa e efeito”.⁵ A partir dessa ruptura, uma análise vai encontrando a “opacidade da relação” encarnada em um real inicialmente bizarro e estranho.

Chegamos assim a uma organização discursiva paradoxal da situação analítica que os casos deverão traduzir. Uma análise topa com o real em um relato ficcional, o discurso analisante. Este, pode ser mais ou menos desconexo ou disperso, mas é sempre organizado pelo endereçamento ao sujeito suposto saber. Este discurso, ordenado pela fantasia, será, então, perturbado pelo estranho objeto que o move.

Os relatos de caso quando reproduzem este paradoxo, se tornem narrativas de uma ruptura que se impõe sobre o contexto ficcional que eles próprios apresentam de início. É preciso cuidado, porém, para não nos satisfazermos com relatos de surpresa e ruptura em que, a seguir, algum tipo de retorno à ordem, do tipo “eliminando-se a causa elimina-se o efeito” seria atingido. Todo cuidado é pouco com o risco de que este

tipo de ficção do trauma venha a desembocar em uma resolução pacificadora, curativa, afinal, um dos nomes para nosso real é o do *incurável*.

Há bem mais, porém, que trauma e resolução em uma análise. Em uma análise, o real vai perdendo sua face traumática até se tornar apenas extimidade opaca. É como pedra no meio do caminho, retornando sempre no mesmo lugar que ele passa a se apresentar, não mais como horror e trauma.

É o que Miller propõe a partir de Drummond.⁶ Não à toa, o gênero textual escolhido é o de um poema concreto. Do conto ao poema, vamos do relato de um desvelamento traumático do real à sua redução, ou da ficção a seu umbigo.

V

Quando, porém, a aliança ilimitada de hoje entre ciência e mercado “penetra” no real, este deixa de “se disfarçar” de natureza. Ambos passam a trilhar caminhos distintos. O real agora explicitamente desordenado terá seu caráter “sem lei” violentamente presente - o que é evidenciado pelo sentimento cada vez mais crescente do absurdo de uma vida sem sentido ou propósito. Já a natureza tende a permanecer unicamente no plano imaginário, ganhando contornos quase delirantes de uma mãe onipresente e benevolente, seja *Gaia* ou *Pachamama*. Paradoxalmente pode, ela própria, ser tomada como o real “em desordem”. A melhor demonstração talvez seja o sentimento que nos assola de que a própria natureza parece ter enlouquecido. Não seria isso que transforma os tsunamis e os termômetros a cinquenta graus em metáfora trágica?

As relações entre as ficções e o real serão igualmente abaladas. Histórias de trauma e superação tornam-se menos pungentes, sendo substituídas pela repetição incessante de mantras de sucesso garantido.

Haverá efeitos sobre nossos relatos de caso? O real em desordem significa que sua apresentação pode se dar, muitas vezes, “por fora” do relato, fora do sentido e não mais como agressão ou trauma, apenas como absurdo que corrói e desmonta qualquer sentido para uma vida.

Por isso, Miller nos propõe tomar como orientação não aquilo com que se topa quando da “saída das ficções produzidas por um *querer-dizer*”. Este é o real quando reina a “doação de sentido [da] elaboração fantasmática”. Trata-se de orientar-se por um real desprovido de sentido “que não responde a nenhum *querer-dizer*”. Sua modalidade preferencial passa de *era uma vez* a *é assim* [c’est ça!].⁷

VI

Como transpor para um relato este modo de incidência do real em uma análise?

Partamos da seguinte definição de Miller sobre nossa prática: uma análise age a partir do que as palavras (o simbólico) têm de relação com o sentido (imaginário) para atingir (e mudar) o que elas têm de relação com o fora do sentido (o real).⁸

No entanto, quando o real não mais se disfarça de trauma e surpresa, o simbólico não pode mais ser compreendido pelo analista exclusivamente como o reino do significante, virtual, jogo de oposições, ausências e enigmas. Sem recorrer aos elementos literais da linguagem, torna-se extremamente difícil lidar com o que apenas é sem sentido, nunca enigma. Em outros termos: o simbólico, sim, é significante e furo, mas precisa também ser abordado como traço e letra.⁹

Dito de outra forma, a escrita, agora, passa a ser essencial, não como transcrevendo uma história mas, ela própria, como real. Está em jogo não tanto a estrutura, o

conjunto de regras significantes ordenando as ficções do sujeito, mas as marcas da absoluta contingência, sem sentido de sua existência.

Serão postas em ação por Lacan, neste sentido, metáforas como a da planície siberiana e da chuva em Lituraterra, ou da peneira e do banho de linguagem, na sua conferência em Genebra, assim como a de uma rede de pesca, no *Seminário 19*. Para os fins deste texto, vou deter-me nesta última. Ele sugere que as letras de uma análise podem *pescar* um real fora do sentido. A matéria prima da análise segue sendo a fala, mas nessas novas condições em vez de sermos surpreendidos pelo real, Lacan dirá que o que buscamos é surpreendê-lo.¹⁰

Como o relato de caso poderia se orientar por estas coordenadas? Vimos, até aqui, uma análise vertida em termos de uma ficção romancista e teatral. Vimos ainda como a poesia, mais especificamente o poema concreto pode igualmente dar lugar ao real de uma análise. Chegamos, agora, à ideia de uma rede de escrita, vazia de sentido e tendo como único valor o real que fiska.¹¹ O relato que melhor se ajuste a essa pescaria deveria, dentro do possível, transmitir os elementos da rede que agarrou [*a attrappé*] um naco de real [*un bout de réel*] - materializar as letras, em lugar de *desvelar*, de *soletraram* um efeito de real.

VII

Como representar esse deslocamento de ênfase em termos literários? O de uma trama sem sentido, mas ainda assim se prestando à leitura? Ora, é impossível nem mesmo traçar elementos sem sentido em um papel sem que sejam imediatamente tomados pela significância. Há como encarnar na própria escrita a pura incidência de um dizer? Talvez a melhor representação dessa operação radicalmente paradoxal sejam os *hai-cais*.¹² São difíceis de entender exatamente porque nada há a ser entendido. Um *hai-kai* é raso, quer só ser epifania, traçando o limite constituinte da diferença entre raso e profundo. Um *hai-kai*, talvez o mais famoso de Bashô o demonstra. Parece vir de 1686, quando foi provavelmente composto, para nos ajudar:

*velho lago
mergulha a rã
fragor d'água.*¹³

Só. Esse haikai tem, em apenas em português cinquenta e seis traduções, de Guimarães Rosa:

*tatalou e caiu
com onda espiralada
fragor de entrudo*

A Haroldo de Campos:

*O velho tanque
rã salt tomba
rumor de água.*

O essencial é o traçado da superfície da água no mágico e definitivo instante do mergulho - personagens, cenários (até mesmo a água) são secundários.¹⁴

Este é apenas um exercício imaginativo. Difícil supor que relatos de casos venham a assumir essa forma. Se a convocação é apenas para destacar a radicalidade do ponto em

que o real se apresenta como fulgor em um relato, mais que em suas histórias, tal como nos relatos de passe.

Seja como for, colher o real em uma rede de escrita, fora do sentido, torna-se hoje premente quando o imaginário da ficção parece, ele também, ter se divorciado do simbólico. Vivemos em meio a elementos imaginários rígidos, sem furos, pacotes já prontos previamente produzidos em tantas frequentações a terapias, *coaches* e todas as instâncias imaginárias que não cessam de produzir sentidos pret-à-porter em nossos dias. Será preciso com eles consentir? Tomando-os como letras, quem sabe, poderemos, alinhavando imagens como quem arma uma rede, seguir fisgando a singularidade do real?¹⁵

¹ “Um caso é um caso se ele testemunha [*témoigne*] sobre a incidência lógica de um dizer no dispositivo da cura, e sobre sua orientação em direção ao tratamento de um problema real, de um problema libidinal, de um problema de gozo.” Laurent. E. “O relato de caso, crise e solução”, originalmente publicado em *Liminaire des XXXèmes Journées de L'Ecole de la Cause Freudienne*. Em português, foi publicado em: *Almanaque de Psicanálise e Saúde Mental*, Belo Horizonte, Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais, Ano 6, n. 9, p. 69-76, novembro de 2003.

² Miller, J. A. « Le réel au XXème siècle. Présentation du thème du X Congrès de l'AMP, publicado em *La Cause du Désir* 2012/3 N° 82, pages 87 à 94 Éditions L'École de la Cause freudienne.

³ « La nature – c'est sa définition même – se définit d'être ordonnée par la conjonction du symbolique et du réel (...) la famille comme formation naturelle servait de modèle à la mise en ordre des groupes humains et que le Nom-du-Père était la clef du réel symbolisé » Miller, J. A. *Ibid*.

⁴ Lacan, J. *O Seminário, livro 10, A angústia*, Rio de Janeiro, JZE, 2003, p. 59.

⁵ Miller, J. A. *Ibid*

⁶ Miller, J-A. *O osso de uma análise*, Rio de Janeiro, JZE, 2015, p.19.

⁷ Miller, J. A. *Op. Cit*, 2012.

⁸ Miller, J. “A formação do analista”, *Opção lacaniana* n. 37, São Paulo, EBP, set 2003, p. 27

⁹ Cf. LAURENT, E. *O avesso da biopolítica*, Rio de Janeiro, JZE, 2016, p. 102 e seguintes.

¹⁰ cf. Lacan, J. “A psicanálise em suas relações com a realidade”, *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 2003, pp. 350-358.

¹¹ Remeto o leitor a uma experiência promovida pela La Cause freudiana na rubrica *Brèves du divan*, editada por Michèle Elbaz entre os números 95 et 106. São fragmentos ultracurtos, em que o imaginário ficcional é apenas esboçado o que deixa mais claro o caráter de rede que pesca mais que desvela um real.

¹² Retomo aqui tema já desenvolvido em Vieira, M. A. *A escrita do silêncio*, Rio de Janeiro, Subversos, 2018.

¹³ Bashô (Japão, 1644-1694), *Trilha Estreita ao confim*, Trad. Alberto Marsicano, São Paulo, Iluminuras, 1997. Cf ainda Leminski, P Matsuo Bashô: *A Lágrima do Peixe*, São Paulo, Brasiliense, 1983.

¹⁴ As diferentes traduções podem ser encontradas neste endereço: <http://www.kakinet.com/caqui/furuike.shtml>, acesso em 5/8/15, como contraponto, vejam esse falso hai-cai: “Fechei-me no quarto. Pela janela aberta entrava um cheiro de mato misantropo. Debrucei-me. Noite sem lua, concha sem pérola. Só silhuetas de árvores. E um vagalume lanterneiro, que riscou um psi de luz” (Rosa, Guimarães, “Minha gente”, Sagarana, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984, p. 211)

¹⁵ Vale ainda lembrar que, assim como uma análise, o ponto de mira de cada relato é o do desaparecimento das categorias e estilos literários comuns que o estruturaram em seu ponto de singularidade, em estilo único. É como encerra seu texto Laurent, assinalando como a diferença entre cada relato contará sempre mais que suas semelhanças.